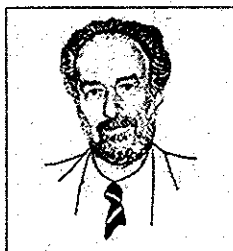


WASHINGTON NOVAES

A guerra pela água limpa

A água no mundo vai acabar?, perguntam as pessoas, assustadas diante das notícias de que será da água a maior crise deste século. Não vai acabar, pois a quantidade de água no planeta praticamente não muda. Mas – dizem os estudos – todas as pessoas vão sofrer, por escassez de



Relatório da ANA diz que a poluição está "fora de controle" nos rios de oito Estados

água (em função do aumento da população e do consumo per capita), conflitos pelo uso ou poluição. Sem falar que a água pode deslocar-se, por vários fatores.

De todas as possibilidades, a poluição parece a que menos preocupa as pessoas, tanto a de águas superficiais como a de águas subterrâneas, aquíferos e lençóis. Embora seja muito inquietante, no mundo todo.

Os Estados Unidos, por exemplo, decidiram há pouco reduzir o nível de arsênico inorgânico admitido na água, de 50 partes por bilhão para 10 partes, pois essa substância perturba a atividade de hormônios chamados de glucocorticóides, que regulam a presença de açúcar no sangue e dificultam a formação de tumores. Mas houve uma disputa intensa antes de chegar à decisão (que igualará os Estados Unidos aos padrões da União Européia e da Organização Mundial de Saúde). A Agência de Proteção Ambiental chegou a anunciar a redução dos limites, antes da posse do presidente Bush, depois voltou atrás e pediu um estudo da Academia Nacional de Ciências, para só então anunciar a modificação, que valerá a partir de 2006.

Os estudos da Academia Nacional de Ciências dos Estados Unidos mostram que a ingestão de uma taxa diária de 50 microgramas por litro – o limite atual – pode aumentar em 1% o risco de morte por câncer, risco semelhante ao do "fumante passivo". Em Taiwan, estudo de 40 mil casos mostrou

que a presença de altos níveis de arsênico (até 170 microgramas por litro) favoreceu taxas de câncer da bexiga muitas vezes acima dos padrões normais. Pesquisas na Argentina e no Chile dizem que 7% das mortes de pessoas acima de 30 anos de idade estão relacionadas com a absorção de arsênico.

Esse é apenas um dos dramáticos caminhos da poluição das águas. Outros estudos nos Estados Unidos estão recomendando a redução drástica da tolerância à presença de mercúrio na água – advindo quase todo de fontes industriais –, mas a oposição, tal como no caso do arsênico, é forte: argumenta-se que os serviços públicos de tratamento de água não terão como arcar com os custos muitas vezes mais elevados que os atuais – e os usuários não estariam dispostos a pagá-los.

No Rio Hudson, as autoridades norte-americanas estão enfrentando o problema do despejo de 500 mil quilos de mercúrio durante 35 anos pela empresa General Electric – agora condenada a remover 2 milhões de metros cúbicos de resíduos, ao

custo de US\$ 500 milhões.

No Alabama, é a Monsanto que se vê acusada de ter despejado durante 40 anos, num córrego e em lixões a céu aberto, polifenilas bicloradas (PCBs), um dos "poluentes orgânicos persistentes", cujo uso uma convenção internacional proíbe.

Nas águas subterrâneas o problema não é menor, principalmente por causa dos efluentes de criações (porcos, bois, aves). Principalmente se se lembrar que nos Estados Unidos os rebanhos produzem 130 vezes mais dejetos que os seres humanos.

Um pesquisador da Universidade de Illinois mostrou recentemente que bactérias saídas do organismo de animais estão transmitindo a bactérias do solo, através das águas subterrâneas, genes super-resistentes a antibióticos. Essas bactérias podem migrar também para o organismo humano, pela água. E disseminar várias doenças. Por isso mesmo, os Estados Unidos estão proibindo o uso em animais de antibióticos usados em seres humanos, como a tetraciclina, a penicilina e a estreptomina (em animais são aplicados 70% dos antibióticos naquele país). Organismos super-resistentes já foram encontrados em águas de 15 rios, entre eles o Mississippi, o Ohio e o Colorado.

A Europa está às voltas com dramas semelhantes. Um tribunal de Rennes con-

denou o governo francês por não evitar a contaminação de água usada para abastecimento humano por nitratos provenientes de criações, principalmente de porcos e frangos. A Corte Internacional da União Européia condenou a França por não aplicar regulamentação de 1975 que reduziu para 50 miligramas por litro o limite de nitratos na água.

Na Holanda, o problema dos efluentes de criações é dramático, num país que tem mais porcos que seres humanos – e por isso mesmo já decidiu reduzir esses animais em 25% numa primeira etapa (haverá outras). A Alemanha passou a exigir dos proprietários rurais exame das águas subterrâneas a cada seis meses. No México, relatório recente mostrou que 93% dos rios apresentam alto grau de poluição.

No Brasil, periodicamente surgem notícias de protestos e movimentos contra a poluição mais pesada, como é o caso dos PCBs na baía da Guanabara ou em Belfort Roxo (liberados por incinerador de lixo industrial).

Relatório do final do ano passado da Agência Nacional de Águas (ANA) diz que a poluição está "fora de controle" nos rios de oito Estados, do Rio Grande do Sul à Bahia – 70% dos cursos examinados apresentavam "alto índice de contaminação".

A cobrança pelo uso da água, em vigor já este ano, talvez possa abrir um novo caminho na difícil batalha que terá de ser travada nesse setor. A experiência do Comitê de Integração da Bacia Hidrográfica do Rio Paraíba do Sul, que cobrará R\$ 0,02 por m³ de água, poderá ser decisiva, se de fato proporcionar os R\$ 20 milhões anuais esperados, para aplicar em projetos de despoluição na bacia.

Estamos muito atrasados nessa guerra pela água limpa. Nem sequer conseguimos tratar ainda mais de 90% dos esgotos domésticos coletados, pouquíssimo dos efluentes industriais e nem começamos a nos preocupar com os efluentes rurais. Devíamos correr.

